

## ARTÍCULO | ARTIGO

### Fermentario N. 11, Vol. 1 (2017)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,  
Universidad de la República. [www.fhuce.edu.uy](http://www.fhuce.edu.uy)  
Faculdade de Educação, UNICAMP. [www.fe.unicamp.br](http://www.fe.unicamp.br)

---

## Diferença E Gesto Em Sala De Aula<sup>1</sup>

**Maria dos Remédios de Brito<sup>2</sup>**

**Dhemersson Warly Santos Costa<sup>3</sup>**

### Resumen

El presente texto trae la sala de clase como el lugar de visibilidad del gesto educativo, para ello, destaca una cartografía de un aula de un curso de formación de profesores, en la Universidad Federal de Pará. ¿Cómo estar con el otro en un máximo de otredad? ¿Qué gestos están siendo engendrados en un aula? ¿Cómo producir en el aula gestos de la diferencia? ¿Cómo maquinar ese lugar que es puesto en nuestras actividades docentes bajo la exigencia de la uniformidad? El ensayo toma como referencial analítico, Nietzsche, Deleuze, Deligny y Agambem. La sala de clase es tomada como territorio poblado por las singularidades, en él la potencia de los encuentros y sus intensidades ofrece dignidad al gesto, no como finalidad, sino como pura medialidad.

**Palabras clave:** Gesto, Aula de clases, Diferencia.

---

<sup>1</sup> O texto é resultado dos desdobramentos do projeto de pesquisa “*Filosofia da diferença e educação: conexões deleuzianas*”, sob coordenação da professora Dra. Maria dos Remédios de Brito, da Universidade Federal do Pará.

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará; Pós Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade de Campinas-UNICAMP. Professora da Universidade Federal do Pará. Ligada aos Programas de Pós-Graduação em Educação, em Ciências e Matemáticas PPGECM/UFPA e Artes/ICA, UFPA. Email: [mrdbrito@hotmail.com](mailto:mrdbrito@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas-UFPA. Atualmente, mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica Email: [dhemerson-santos@hotmail.com](mailto:dhemerson-santos@hotmail.com).

## Abstract

The present text brings the classroom as the place of visibility of the educational gesture, for this, highlights a cartography of a classroom of a teacher training course, at the Federal University of Pará. How to be with the other in a maximum of otherness what gestures are being generated in a classroom? How to produce in the classroom gestures of difference? How to engineer this place that is put into our professorial activities under the requirement of standardization? The essay takes as analytical referent, Nietzsche, Deleuze, Deligny and Agamben. The classroom is taken as a territory populated by singularities, in it the power of encounters and their intensities offers dignity to the gesture, not as a purpose, but as pure mediality.

**Keywords:** Gesture, Classroom, Difference.

O texto é um esforço cartográfico maquinado coletivamente por professora, mestrando e alunos inspirados no referencial analítico da filosofia de Nietzsche, Deleuze, Agamben<sup>4</sup> e Deligny. Interessa-nos cartografar os gestos que colocam à deriva uma sala de aula, tais como as experiências sensíveis que saltam as maquinarias formativas, linhas que cortam esse espaço, gestos aberrantes traçados em seu interior, ruídos produzidos pelos gestos, fronteiras borradas e os abalos criados pelos encontros e

---

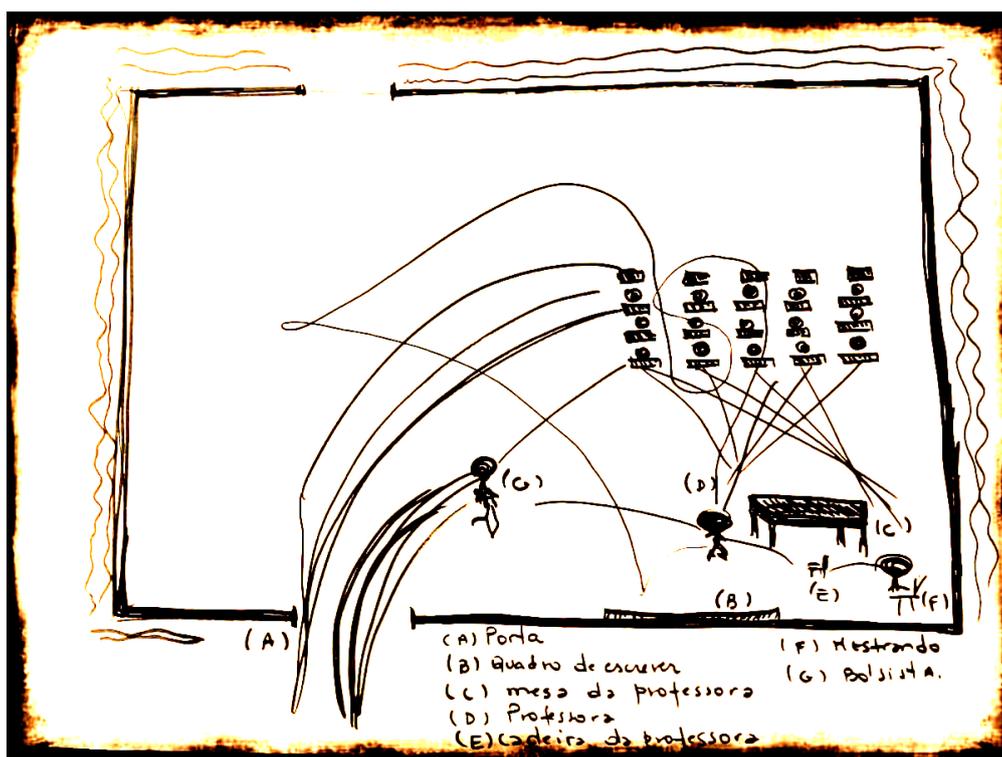
<sup>4</sup> Tomaremos emprestada, deste inspirador filósofo italiano, a noção de “Gesto” delineada no texto “Notas sobre o gesto”. No texto o autor nos apresenta, a partir de uma visão filosófica, a questão do gesto. Para tanto, o autor, ainda que implicitamente, procede a um preâmbulo histórico com uma clara demarcação no século XIX – período no qual a humanidade perde os gestos. Se na antiguidade Agamben situa o gesto como permeado por um senso de comunidade, um objetivo, um direcionamento e um sentido ligado a uma totalidade unitária que possui uma finalidade, na virada para a contemporaneidade, aliado aos adventos históricos, em especial a Revolução Industrial, instaura-se uma crise na medida em que o sujeito deixa de ser parte de um todo comunitário, tornando-se urbano, mecanizado, isolado do outro, da natureza – sendo o sujeito uma peça dessa engrenagem. Há nessa ruptura, muito bem demarcada por Agamben, uma perda da gestualidade. O cinema torna-se elemento central na discussão do texto, pois para o autor as primeiras intervenções cinematográficas nada mais eram que a captura dos gestos pela fotografia, uma clara tentativa de reapropriação do gesto perdido, uma vez que o cinema não é apenas esse lugar de registro da perda do gesto, mas antes de tudo, um esforço de reapropriação, considerações levantadas a partir do encontro do autor com as obras deleuzianas de imagem e cinema. O cinema, portanto, será essa possibilidade de reapropriação do gesto perdido, que não é uma produção, um “fazer”, nem uma finalidade, mas um meio sem fim, uma medialidade – “se o “fazer” é um meio em vista de um fim e a práxis é um fim sem meios, o gesto rompe a falsa alternativa entre fins e meios que paralisa a moral e apresenta mecanismos que, como tais, se subtraem ao âmbito da medialidade, sem por isso tornarem-se fins” [...]. O que caracteriza o gesto é aquilo que não está em questão nem no produzir e tampouco no agir, mas no assumir e suportar. Dito de outro modo, “o gesto abre a esfera do ethos como a esfera mais própria dos homens” (Agamben, 2008: 202). O gesto está em ligação com o heterogêneo, não se trata de posições antagônicas polares, mas “estar em meio a”, um meio sem finalidade cujo caráter não é instrumental, mas um “brincar” em relação ao sujeito-objetivo. O gesto articula muito mais que palavras, é ele próprio uma linguagem. Dizer daquilo que não está dito. Uma gagueira na própria linguagem. O gesto é uma ação, mas não de agir e fazer, ao contrário, ele agencia elementos ligados ao que está no meio, articulando o pensar e anulando os fins, a intenção (Agamben, 2008).

suas intensidades que oferecem visibilidade ao gesto. O ensaio percorre uma escrita mobilizada por Atos, sem rotas ou destinos, mas com linhas de intensidade... Múltiplas entradas, aberturas, barulhos...

A porta abre... Carteiras, alunos, professora,... Um gesto é exibido... A sala de aula como um campo de intensidades, povoada por singularidades... O alerta de Kafka, uma toca, uma saída, uma entrada. Rizoma. Como estar com o outro num máximo de alteridade? Que gestos saltam na sala de aula? O que um gesto pode dizer? Como maquinar esse lugar que é posto em nossas atividades professorais sob a exigência da uniformização? Que cartografias são maquinadas em uma sala de aula? Que campos de diferença latejam?

## ATO I

5



**Uma sala de aula:** Entramos na sala de aula de um curso de Formação de Professores para séries iniciais, *Licenciatura Integrada em Educação em Ciências*,

<sup>5</sup> Mapa da sala de aula cartografado pelos autores.

*Matemáticas e Linguagens*<sup>6</sup>: Professora, um orientando de Mestrado em Educação em Ciências e uma bolsista de iniciação científica, vinculada a licenciatura citada acima.

Apresentamos o programa do eixo temático, intitulado *Epistemologia das Ciências*, perguntamos aos alunos se estavam compreendendo a dinâmica do curso que iria ser ministrado naquele semestre<sup>7</sup>, eles ficaram calados, no primeiro momento, e depois pediram a palavra.

“*Professora, nós poderíamos tratar de algumas questões com a senhora que sentimos a necessidade de conhecer e transversalisar com o eixo temático epistemologia?*”. Ouvidos sensíveis à escuta, pegamos nossos cadernos de anotações, canetas, e começamos a registrar suas solicitações, suas necessidades.

Os alunos anunciaram que estavam no sétimo semestre de sua formação professoral e tinham dúvida sobre como trabalhar o conhecimento epistemológico das ciências em sala de aula. Dizíamos que todo o fazer prático em sala de aula remete para uma epistemologia, um conhecimento.

Depois da escuta, prometemos a eles que no próximo encontro reformularíamos o plano de atividades<sup>8</sup>. Decidimos juntos, alunos e professora, que iríamos trabalhar a *epistemologia das ciências* por meio de temas e aulas elaboradas em sala de aula.

O importante de tudo isso não foi como as aulas de epistemologia estavam sendo criadas e estudadas por todos nós, mas o *gesto* que ali se deu, em sala de aula. Esse gesto nos remeteu a pensar que é possível embarcar pelo espaço da sala de aula a partir de n’entrada. Uma cartografia entra no meio.

## ATO II

A cartografia não é um método, quem sabe, poderia ser posta, mas não definida como um procedimento ou mesmo como um plano de composição (Deleuze, 2006). Sendo assim, há um trabalho pelas aberturas, pelos meios, pelas zonas, pelos movimentos, pelas linhas de desejos e de conexões. Sua dificuldade por essas zonas é

---

<sup>6</sup> Curso para formar professores de maneira integrada com a ciência, a matemática e as linguagens para as séries iniciais do ensino fundamental menor e educação de Jovens e Adultos/ Universidade Federal do Pará/Instituto de Educação Matemática e Científica.

<sup>7</sup> Primeiro semestre letivo de 2018, conforme calendário da universidade Federal do Pará.

<sup>8</sup> Não é o objetivo deste ensaio tomar a descrição do trabalho pedagógico em sala de aula com esses professores em formação. A informação é posta para dizer do gesto que se colocou em sala com os professorandos.

que não há um dado a ser decifrado ou definido em sua forma mobilizada como um estado de coisas. Também não há *roteiro, a priori*, que ofereça um *percurso* para a investigação; não há um *como fazer* antes de entrar em zonas de singularizações e heterogeneidades.

A cartografia entra em um campo de virtualidades que estão sempre abertas, pois os modos de existir confirmam intensidades e movimentos que se compõem por variedades de agenciamentos (Deleuze, 1997). Seus modos estão nos encontros e em suas forças. Estes impõem a qualidade da potência nos seus movimentos, que são de latitudes (afetos/encontros) e de longitudes (movimentos de velocidades, lentidões e repouso).

A cartografia desenha um mapa que não tem ligação com o decalque e nem com a colagem, pois é composta por linhas que são suscetíveis a variações permanentes (Deleuze, 1999). Essas linhas são diversas, tais como: linha segmentária dura ou molar, que compõe uma variedade como a família, a profissão, a religião, a escola, a fábrica, a empresa, dentre outros. Há diversos tipos de segmentos nesses setores, alguns bem separados e formalizados uns dos outros. Porém, essa linha pode variar em flexibilidade molecular – Tais linhas atravessam pessoas, indivíduos, estado, sociedade, grupos, podendo traçar pequenas modificações, fazer fluxos moleculares, esboçar quedas ou outros movimentos. Há ainda uma terceira linha, aquela que pode ser dita como impossível, pois passa como se algo estivesse sendo levado para uma espécie de destino desconhecido, não pré-calculado (Deleuze, 2006). Ela parece ser a mais complexa e complicada de todas, sendo chamada de linha de fuga, qualquer declive é passível a uma queda irremediável. Ela arranja alguma coisa forte da ordem do mistério, como se fosse apenas um trajeto de uma alma, uma passagem, um salto de um bailarino, um sorriso de uma criança, o grito de um desesperado, o traço da pintura triunfante dos girassóis de Van Gogh, um choro de alegria ou de tristeza de uma mãe, uma morte... Um gesto. Essa linha parece sugerir a separação das outras, porque talvez possam existir indivíduos que nunca sintam ou vivam essa ruptura ou, ainda, que só sintam as outras em seu corpo, uma mais dura ou mais flexível, mas para Deleuze (1999) essa linha existe e não é separada das outras ou, quem sabe, essas duas primeiras sejam, na verdade, derivadas dela.

A cartografia exige uma variação diferencial no modo de pensar e criar, que passa pelo campo de imanência, solicitando toda uma variação no como lidar ou criar

um problema (Deleuze, 1997). Tal problema emerge quando o pensamento é violentado, forçado pelo signo, pelos encontros, padecendo de um efeito exterior. O critério não tem nenhuma ligação com adequação ao dado, mas sim com a efetividade do pensar que impõe sentido a esse dado. O signo é uma força, que avalia, escolhe e demarca preferência. O signo é aquilo em que se atribui sentido quando se é violentado.

### **ATO III**

A professora entra, os alunos entram. Inicia-se mais um semestre, mais uma disciplina. Acompanho-a em mais uma digressão pelas epistemologias das ciências. Entre apresentações de praxe e planos de trabalho, um gesto. Uma escuta sensível aos anseios professorais. Um sopro de silêncio paira no ar, uma flecha é lançada, faz um barulho ensurdecador... Currículos, infâncias, sexualidades, corpos, ciência, laboratórios, questões raciais, biologia, cidades... Um caos instaurado, sala de aula deslocada da docilidade dos corpos, uma animalidade parece ser acordada. Professora e mestrando à espreita, um desafio: planejar um plano de trabalho aberto com múltiplas entradas para a docência. Desafio aceito. Sentados, mestrando e professora, debruçam-se sobre as anotações da aula. Caneta, lápis, papel... Ruminam aquelas palavras, maquinam um planejamento aberto ao heterogêneo. Como trabalhar a epistemologia das ciências diante de tantas necessidades professorais? Silêncio, silêncio, silêncio... Epifania, aulas elaboradas coletivamente através de temas, diz a professora. Aulas abertas, construídas na coletividade, borrando as fronteiras hierárquicas aluno-professor, teoria-prática, sujeito-objeto, todos distribuídos em um mesmo espaço, discutindo, produzindo e criando um modo professoral que não remete ao universal, mas que é singular na medida em que fora forjado pela força dos encontros, dos afetos. Mestrando e professora ficam assustados e, por isso mesmo, embarcam nesta proposta. Apresentamos a proposta aos alunos, ouvidos atentos, olhares confusos, mas satisfeitos. Inicia-se, assim, uma cartografia que nem eles mesmos sabiam, linhas de forças, encontros, afetos, desejos... Um mapa aberto, sem fronteiras... Entramos pelo meio.

Não nos interessa as práticas metodológicas para ensinar, as prescrições, nem as avaliações fechadas, mas os gestos que ascendem à diferença na formação de professores<sup>9</sup>, que colocam a sala de aula em deriva, em outro plano de composição que

---

<sup>9</sup> O ensaio não objetiva abordar a questão, a preocupação é com gesto e a sala de aula, questões que não são levadas a sério pela educação, mas que para nós se mostrou como um problema.

não é mais do homogêneo, do uniforme. Ao contrário, interessam os gestos que teatralizam o heterogêneo, a multiplicidade e a singularidade, que fazem uma gagueira na linguagem, na ciência e na matemática, escavando buracos, trincheiras, tocas na sala de aula, múltiplas entradas que nos levam a n' formações.

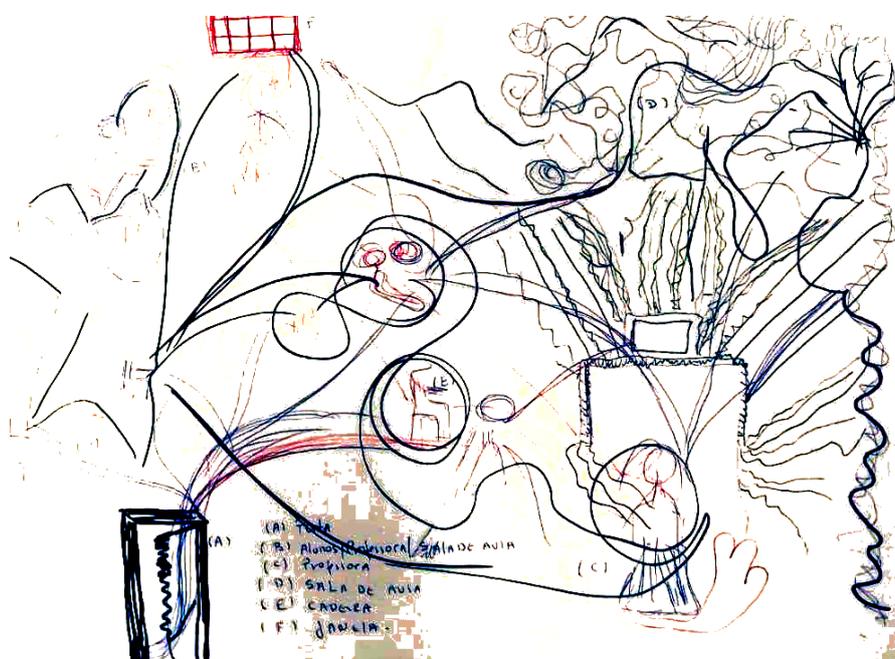
#### **ATO IV**

Que diferença entra na sala de aula? Diferença? Afetados por Nietzsche (2011) e Deleuze (2006), pensadores da crítica à representação, ambos tomam como estratégia produzir um modo de pensamento engendrado pelas potências dos afetos. Pensar não é natural, antes, se é violentado pela imanência da vida. O baixo, o móvel, o sensível, não é desviado ou visto como vulgar e inferior. Se existe uma matéria “real”, ela é produzida por um campo de imanência que passa pelos encontros e pelo corpo. Há todo um componente de signos e potências que arrastam o corpo para algum lugar que não se sabe onde. Sem ódio à vida, à prática, ao comum, o que passa pela matéria sensível pode ser convertido em encontros intensivos, despertando outras formas e ideias. O pensamento não é devotado às idealidades e muito menos separado da vida prática. Esse modo converte aquilo que Deleuze trata em *Diferença e Repetição* (2006), como um pensamento sem imagem, daquilo que difere um pensamento em aliança com a criação, uma clara oposição ao pensamento da representação, da identidade e da semelhança que tomou conta do ocidente, atravessando a educação na disciplina dos corpos, forjando um sujeito universal (Gallo, 2016), silenciando as singularidades, o heterogêneo, os gestos. Ora, como pensar a diferença na educação? Desejamos um espaço educativo percorrido pelas forças, pelos movimentos, pelas linhas vitais e singulares. Se a educação ainda prima pelas práticas universalizantes, insistimos em cavar tocas que demarquem potências de existir passando pelas forças mínimas em que o humano encarne seus problemas. Por essas tocas escapam as singularidades, é preciso um olhar sensível e atento do cartógrafo as linhas de fugas traçadas no interior da sala de aula... Um sorriso, um ruído, uma lágrima, uma palavra, um gesto, colocam o heterogêneo em perspectiva, uma medialidade que ascende a mais pura diferença. O gesto pelas linhas da diferença é aquilo que convoca sem nada a dizer, uma existência viva a partir do próprio gesto. Cada gesto não quer ser julgado, também não quer ser afirmado a partir

do direito, da prova, da autenticidade ou da verdade. Não há fundamento que o coloque em esquemas morais. Também não deseja ser visto ou entendido por um propósito, uma superioridade ou uma legalidade. Nenhuma rocha ou argila pode determinar o gesto em sala de aula, muito menos uma legalidade para convocar a sua existência. Do gesto em sala de aula, um suscitar pertinência, existência. Uma nuvem. Uma iniciação. Um fragmento. Uma exibição. Sua força e seu problema... Gesto, o que não tem propriamente nada a dizer, mas existe... Tornando-se um ponto para o pensamento. Introduce linhas... Mesmo as virtuais. O gesto em sala de aula, um convite para a aprendizagem dos signos, dos encontros, das menoridades...

## ATO V

10



Entendemos a sala de aula como um lugar capaz de permitir a emergência do heterogêneo e, então, buscamos o poder de estar junto, sem dinâmicas impositivas, como tentativa de abrir novas potências possíveis para tal lugar. Sentimos que alguma coisa entrava em operação, a presença de variações entravam em composições por entre forças e afetos, como um estranhar de um ato trêmulo, saltante, em que o julgamento do bom ou ruim não mostrou seu rosto moral.

<sup>10</sup> Mapa cartográfico dos fluxos que atravessam uma sala de aula, compondo e decompondo formas, arranjando e desarranjando n' combinações.

Algo de singularidade entrou por entre os corpos e se infligia a vaguear no interior da sala de aula. Não havia pretensão de vulgarizar o espaço, mas alguma coisa estava se (de)compondo naquilo que ainda poderia manter de semelhança, de generalidade e de igualdade. O que importava de imediato, o que juntos, alunos e professora, estavam construindo. Com isso, o espaço da sala de aula formava uma passagem, dando ao território da formação potência de criação do pensamento, pois cada um que ali estava se abria para uma potência própria de probabilidade das dobras.

Assim, a sala de aula não é um lugar fechado, embora a maioria das salas tenham paredes, não é um lugar de clausura, de frieza das ideias, de quadros de escrever, de professor tomando para si, às vezes, o papel de dominador. A sala de aula é um trajeto, que pode ser inventado como um espaço de entre-lugares.

Ali, nasceu um gesto conjunto de relações de composições, de singularidades implicadas com seus próprios meios, em que não se excluía as forças e as diferenças que emanavam. Havia, então, uma trama entre um e outro corpo, tendo como pertinências, como sugere Deligny (2015) que cada um reivindique sua distinção e fabrique o heterogêneo. Esse fabricar vem com a prudência de se servir de um *pathos* de distância, como bem recomenda Nietzsche (1999), como maneira para se reencontrar com as linhas de si e dos outros. O *pathos* de distância de forma alguma inaugura o afastamento dos afetos, ele, ao contrário, é de certo modo o cuidado fundamental para manter o calor e a potência que solicita as linhas de intensidades.

A sala de aula, nesse caso, estava como um lugar em que se deveria abandonar a dominação para se colocar e produzir outras estratégias de encontros, de convivência, tendo como exercício a relação de troca tecida entre alunos e professora, que habitam esse espaço, com suas próprias dobras. Então, a sala de aula, é um lugar de tentativas, um lugar de camadas primordiais de partilhas que são acessadas por acontecimentos infinitos de gestos.

## ATO VI

Alguém poderia perguntar: O que é o gesto?<sup>11</sup> Que gesto é esse que a sala de aula pode gerar? Agamben (2008), em seu ensaio *Notas sobre o gesto*, nos mostra

---

<sup>11</sup> Sobre o gesto existem diferentes leituras, o ensaio não pretende entrar nessa miríade. Por isso, demarca uma leitura afetada pela reflexão de Giorgio Agamben.

algumas pistas para pensar o termo. Além disso, por meio desse ensaio deslocamos ideias para ponderar a sala de aula como lugar de gestualidades. As instituições de ensino, de modo geral, apagam os traços de gestualidades dos alunos pelos seus comandos, pelos códigos disciplinares, pelas linguagens, pelas exigências das finalidades. O gesto é apagado pela homogeneidade que não há. Lembra Agamben (2008) que Nietzsche denuncia, em Assim Falou Zaratustra, a perda do gesto. O homem moderno, por todo seu processo de rebanho e regularização utilitária se ausenta dos seus próprios traçados gestuais.

O gesto pode estar na esfera da ação, mas se distingue do agir e do fazer. Nele, no gesto, não se produz, nem se age, mas se assume e se suporta. O gesto é uma abertura para o ethos, como esfera própria do homem (Agamben, 2008). “O que caracteriza o gesto é que, nele, não se produz, nem se age, mas se assume e suporta. Isto é, o gesto abre a esfera do *ethos* como esfera mais própria do homem” (Agamben, 2008: 13). O gesto é uma medialidade, sem se tornar um fim. O gesto não é um deslocar de um lugar A para B. O gesto é seu próprio fim, é o suportar, é sua própria medialidade que se faz entre e com os homens. Ele não tem em si uma finalidade, existe... Se presentifica (Agamben, 2008). Nas palavras de Ribeiro (2016: 8) o “gesto se constitui como o próprio movimento de sustentação, expondo-se em condição de potência, como pura medialidade, ou seja, como meio em si mesmo”.

O gesto põe a sala de aula em visibilidade como um espaço de formação, mas de n'formações. Acreditamos que ela é um território que pode ser habitado por diferentes lógicas e sentidos, pois não existe só um modo de produzir, pensar, aprender e ensinar. Há sempre um gesto que não se deixa paralisar, há sempre camadas superficiais, brechas, instantes, acontecimentos que a colocam em ziguezague. As advertências, que um gesto suporta, convocam outros povos, outras linguagens, mesmo que sua aparição seja efêmera, insuspeita, não utilitária.

Trata-se de uma abertura ao modo humano. Cada dia os gestos se colocam nesse lugar que dão a pensar como, por exemplo, as conjunções de gestualidade podem traçar um ethos.

*Professora e mestrando fazem um círculo. Os alunos sentam no chão, tiram os sapatos, levantam das carteiras, deitam no chão, abrem bolsas, tiram canetas, papéis, revistas, jornais e cola. Ficam tímidos ao olhar um para o outro, as meninas amarram os cabelos, pegam seus cadernos, abrem páginas, pensam, ficam parados, fazem*

*poemas, colocam imagens de jornais. Revistas no chão, e produzem microtextos, tiram fotos, saem da sala de aula, voltam ao chão, mostram vídeos, leem textos, caminham pela sala de aula, riem, falam alto, falam de lembranças de infância, choram, pedem desculpas, saltam, falam de filhos, continuam a trabalhar nas produções de aulas, elaboram desenhos, conversam, trocam informações, abrem portas, trocam papéis, risadas coletivas, falam de sua formação de professor, levantam os braços, pegam nos celulares, tocam nos pés, pegam os sapatos, tocam nas mãos, pedem ajuda, tocam na boca, tiram os óculos, falam dos assuntos trabalhados em sala, levam, vão para as carteiras, pegam livros, cadernos, tocam canetas... Professora vai ao quadro, anda pela sala, abre livros, abre computador, pega o pincel de escrever, vai até o fundo da sala, olha a janela, abre a porta, volta, fica na frente dos alunos, mestrando fica em um cantinho da sala, pega seu bloco de anotações, fala baixo, levanta...*

Todo um ritmo povoa a sala de aula, em que gestos, afetos, fazem outra temporalidade. As ações construídas em sala convertem em aulas que primam pela atenção às presenças dos corpos que ali interagem. Um tempo imprevisível. Professora passa do horário, e vai sendo engendrada uma formação que se liga à vida, ao mesmo tempo, que operava um intervalo que põe em ação uma máquina de guerra à regularização disciplinar. Essa máquina parecia sair dos corpos, dos ouvidos, das bocas, das mãos, das ideias entre a professora, os alunos e o mestrando, passando por forças inconscientes que esburacavam as janelas, as portas, os quadros de escrever, as paredes da sala de aula. O gesto ou um gesto...

*Perguntas, silêncios, olhares atentos, professora fala de epistemologia, fala de ciência... Alunos atentos, perguntam sobre educação, ficam parados, escrevem, olham um para o outro... Levantam das carteiras... Pedem para montar aulas, intervalo...*

Ainda havia programas, conteúdos, formas, calendários, cronogramas, mas tudo isso era batucado pelos paradoxos que ali emergiam, no espaço da sala de aula. A professora nunca teve segurança quando entrava na sala de aula, nunca teve segurança de que estava formando o bom professor, nem sabia que tinha um bom professor, tudo que ensaiava em uma aula ainda estava para ser ensaiado sempre para a outra aula, não havia certeza de nada, mas a professora continuava a produzir suas linhas... Alunos que nem se davam conta de que estavam sendo formados para serem professores, no fundo, pareciam que os seus demônios diziam aos seus ouvidos que estavam esquetejados no

interior desse jogo formativo da sala de aula. Uma tentativa, uma abertura sempre por vir... Um saber em escapa, uma formação em aberto...

Seria possível dizer: *Essa experiência miserável, vinda do limbo dessa sala de aula, colocava professora e alunos como criaturas perdidas*. Nada disso nos parece relevante, pois éramos atraídos pelos restos, pelos gestos, criaturas vagueantes, desencontradas, porém entendíamos que cada um tinha de potente a sua singularidade, criaturas vacilantes misturadas por suas forças plásticas encontravam na sala de aula um processo intensivo na armadura do gesto, aquele que suporta, que não tem pela lógica pragmática o que dizer, fazer, mas convertido tão somente em sua medialidade no interior do espaço da sala de aula.

Esse lugar, que quase nada se diz dele, não é apaziguado, homogêneo e consensual, ao contrário, o outro, os outros aparecem em fala, em ruídos, em partidas, desembarcando qualquer possibilidade de totalidade que pudesse excluir a diferença.

## ATO VII

Que gestos desenham outra sala de aula? Que experiências sensíveis foram produzidas pelo gesto? Que desacelerações estiveram presentes, na sala de aula, em cada gesto? Que ruídos criavam? Que engendramentos formativos foram maquinados pelos gestos? Que cartografias maquinadas em gestos e pelos gestos?<sup>12</sup>

### I



<sup>12</sup> Todas as imagens aqui foram fotografadas durante o estudo.

Este estudo, os.

## II



## III



#### IV



#### V



VI



VII



## VIII



### ATO VIII

Uma cartografia está sempre aberta. Não sabemos onde vamos parar, por onde entrar ou sair. Não há um caminho. O traçado é efêmero, (de)compõe-se pela força dos

ventos. É um caminho perigoso, é preciso prudência, um trabalho ético e político. Linhas de forças, desejos, afetos atravessam esse mapa, as fronteiras são borradas, os limites não têm horizontes, do centro as bordas a vida acon(tece), fluxos e cortes nos atravessam. Um mapa cartográfico é aberto sob um plano de composição heterogêneo, a sala de aula e suas intensidades. Alunos, professora e mestrando ocupam esse espaço, coagulam-se com ele. *Sentam, levantam, andam de um lado para o outro, retornam.* O movimento é intensivo, velocidade. No deslocamento uma vida, um caminho, uma dança, um modo de se conectar com o outro no máximo de alteridade.

Potências e singulares povoam o território desta sala de aula, o heterogêneo escapa das universalizações, uma formação teatralizada pela partilha do sensível, *alunos levantam a mão, choram, correm, falam, sorriem, cantam, sentam no chão, tocam as plantas, as formigas e os fungos, registram, escrevem, fotografam...* há toda uma gestualidade que produz uma gagueira na linguagem formativa, aqueles gesto ascendem à diferença, saltam as práticas curriculares formativas... Uma cartografia de visibilidade dos gestos que desenham uma sala de aula outra, uma formação outra, um professor outro, mestrando outro. Toda uma produção sensível é maquinada, aceleração e desaceleração, desmontagem de moléculas, barulho, ruídos... Gesto da diferença, que não tem na ação princípio motriz, não se trata de agir-fazer, mas, ao modo de Agamben, de “gerir” uma medialidade, sem posições polares antagônicas, o meio em perspectiva, um olhar, um cuidado, um carinho com o gesto perdido, roubado pelo governo dos corpos forjam uma vida pautada na repetição do mesmo, na reprodução e na representação do “bom” e “mau” professor. Dar visibilidade ao gesto é afirmar a potência do heterogêneo, pois gerir é uma medialidade, estar em meio a vida, ao caos, aos acontecimentos, encontros, afetos, desejos, singularidades... Um meio sem fim.

Nesta cartografia, fotografias, relatos, escritos, atos... Mobilizam uma escrita de vida e morte... Um bloco de imagens é aberto ao leitor sem prescrições ou finalidades. Imagens que não buscam representar uma formação correta, nem eternizar um momento ou presentificar uma realidade, mas cartografar os gestos que colocam a sala de aula em deriva, um mapa que não quer ser percorrido, decifrado ou até mesmo imitado, mas, antes de tudo, sentido.

Uma sala de aula possui múltiplas entradas e muitos becos, inclusive sem saída. Os encontros forjam uma vida, há sempre um corte, um fluxo, uma paixão pelos gestos, mas que há também um desejo de esvaziá-las das suas significações,

processando toda uma lógica de sentido. Uma sala de aula é atravessada por uma série de encontros, tristes ou alegres, nos interessa este último, um encontro alegre que movimenta o pensamento, arrastando alunos, professora e mestrando para o deserto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Agamben, G. (2008) “Notas sobre o gesto” Em: *Artefilosofia*, Ano 4, São Paulo, 9-14.

Delegny, F. (2015) **O aracniano e outros textos**. Trad. Lara de Malimpesa. São Paulo, N-1.

Deleuze, G. (2006) **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro; Graal.

\_\_\_\_\_. (1999) **Conversações**. Trad. De Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.

\_\_\_\_\_. (1997) **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34.

\_\_\_\_\_. (2006) **Ilha Deserta**, A. Editora Iluminura Ltda. São Paulo: Editora 34.

Gallo, S. (2016) “Em torno de uma educação menor: variáveis e variações”. In: Brito, M. R. e Gallo, S. (comp.) (2016) **Filosofias da Diferença e Educação**. São Paulo: Livraria da Física Editorial. pp. 15 - 46.

Nietzsche, F. (2011) **Assim Falou Zaratustra**. Trad. E notas de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras.

Ribeiro, C. R. (2016) “Uma Infância, Um Silêncio, Um Aprendizado Do Gesto” Em: *childhood & philosophy*, Ano 3, Rio de Janeiro, 1-15.